

Los mozos de Monléon  
Se fueran a arar temprano,  
Para ir a la corrida  
Y remudar con despacio.

Al toro tengo que ir,  
Aunque lo busque prestado.  
Manuel Sánchez llamó el toro;  
Nunca le hubiera llamado.

*Lorca, cantado por Ana Belén*

Que imagem tínhamos do Neolítico, particularmente da transição (se a houve) das últimas comunidades de caçadores recolectores especializados às de pastores e agricultores, produtoras do seu próprio alimento? Que imagem da consolidação das sociedades camponesas e da sua progressiva integração no espaço?

As escavações de Manuel Heleno nos acampamentos e no abrigo das Bocas de Rio Maior tinham evidenciado grupos de detentores de tecnologias do talhe da pedra conhecidas pelo menos desde o Mesolítico (microlaminares), de novas técnicas de armazenamento de alimentos e cozinha (vasos cerâmicos de dimensões grandes e médias), de escassa pedra polida (machados) e de ainda mais escassa pedra afeiçãoada (componentes de moinhos manuais). Mas a quase total ausência de publicação impediu sempre uma leitura compreensiva.

Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares escavaram longamente o Neolítico de Sines e a revisão de Jean Guilaine de antigos materiais criou uma ideia discutida extensamente em Palmela, num Colóquio ainda hoje inédito, mas que marcou um importante ponto da situação e de onde conceitos (porventura errados, mas estimulantes) como o de «Neolítico antigo evolucionado» tiveram raiz.

De tudo isto, uma imagem difusa, pouco nítida, que a identificação dos restos humanos e de fauna do Caldeirão não alteraram sensivelmente, ainda que o radiocarbono jogasse agora no debate elementos complementares que produziam novas questões. João Zilhão não deixou de o fazer.

Mas a imagem tradicional mantinha-se desde o conhecimento dos sítios da Figueira: populações costeiras, detentoras de um «pacote» neolítico, constituíam uma nova mancha «cultural», herdeira ou não das tradições mesolíticas, ocupando o litoral ou por vezes o desenvolvimento das linhas estuarinas.

Resultavam ou não do evoluir interno dos grupos mesolíticos do Tejo e do Sado? De acordo com as leituras tradicionais, traduziam a dinâmica evolutiva interna de comunidades preexistentes. Mas se representassem antes a chegada de colonos equipados com novas formas de exploração do território? Como o modelo Neanderthal *versus* Sapiens poderia ins-

pirar? E nem a infeliz escavação da Cabranosa, em Sagres, longe do Tejo e do Sado, contribuiu para aclarar modelos. Na realidade, estava bem sobre a linha de costa e de algum modo perto dos concheiros do sudoeste alentejano. Ambas teorias estavam servidas.

Mariana Diniz e Manuel Calado, uma revendo o «grupo da Furninha», outro identificando pela primeira vez o Neolítico antigo do Alentejo, recriaram as condições para recomençar o debate.

Que não existem gramíneas a Ocidente, quem o discute? Na ausência de certezas sobre as ovelhas e com as leguminosas desconhecidas até hoje na fachada atlântica da Península Ibérica, que parte do «pacote neolítico» poderia ser indígena? A pedra polida?

Outra certeza derivava da própria localização dos sítios: planícies abertas, linhas de costa, áreas estuarinas, tudo poderia confirmar uma proveniência marítima, se o próprio Mesolítico não estivesse também assim distribuído.

Neste contexto, S. Pedro de Canaferrim rasga a discussão e introduz novos elementos.

De costeiro, tem pouco. De planície, nada. Nele encontramos cerâmicas de indiscutível cariz neolítico antigo. Pedra talhada que não contrasta com o que sabemos dos grupos neolíticos. Datações de níveis seguros que falam por si, com intervalos de tempo que se confirmam: 5203-4830 (ICEN-1152) e 5061-4781 (ICEN-1151) ambas cal BC a 2 sigmas. O que quer simplesmente dizer que em fins do VI milénio, inícios do V, populações do Neolítico antigo já não estavam apenas sobre a linha de costa, tinham progredido para o interior, onde exploravam novos ou mais diversificados recursos.

O livro de Teresa Simões apresenta uma estrutura simples, aberta e eficaz: após os agradecimentos habituais, abre com a caracterização do sítio de S. Pedro de Canaferrim (ponto 2), prossegue com a ocupação neolítica (ponto 3), apresenta as datações pelo radiocarbono (ponto 4), integra as suas informações no contexto da Península de Lisboa (ponto 5), analisa as estratégias de ocupação do espaço (ponto 6), integra S. Pedro no processo de neolitização contextual (ponto 7) e termina com uma cuidada bibliografia (integralmente lida e não apenas citada, como por vezes é hábito noutros horizontes, ainda assim preferíveis aos dos que apenas citam quem lhes convém...).

Teresa Simões nasceu e cresceu cientificamente na «Escola da UNIARQ». Nela aprendeu a importância do espaço e da sua leitura gráfica. Como Mariana Diniz, Manuel Calado, Ana Catarina Sousa ou Leonor Rocha. De onde, as imagens exemplares que ilustram este livro. Com a UNIARQ aprendeu a obsessão pelo «bem feito», o horror ao texto apressado, o repúdio da escrita solene, maquilhada pelas «últimas» ideias de escolares tão afastados da realidade de campo que parecem olhar com desdém os factos, essas infelicidades que os levam a corrigir a escrita, mas só quando crescem para além do limite em que podem ser arrogantemente ignorados.

No Mestrado de Pré-História e Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa tive a satisfação e a angústia de dirigir este trabalho. Satisfação porque o via crescer em solidez e exigência. Angústia, por me perguntar se alguma vez ele iria estar terminado, tal o perfeccionismo colocado na sua feitura, as hesitações em talhar caminho que parecia demasiado fácil, as condições de tensão em que por vezes foi escrito.

Que este livro, finalmente pronto, seja um começo, ninguém o duvida. Que seja o princípio do nascimento de novas ideias, quem o contesta?

Como os moços de Monléon, há que «arar temprano». Mas «en la corrida», que a morte seja a das ideias feitas, mesmo que seja preciso matá-las uma a uma, devagar, carregando bem a arma e apontando melhor. E se neste contexto nos perguntarem se gostamos de Beethoven e Brahms, a resposta não poderá ser outra: aqui e agora, preferimos Smith&Wesson...

*Reguengos de Monsaraz, Inverno de 1998*

*Victor S. Gonçalves*

Director do Centro de Arqueologia  
da Universidade de Lisboa (UNIARQ)